



O novo iMac é um *puppy*. Um *pet*. Um bichinho de estimação. Só faltou a carinha desenhada na tela. É aquele ano 2000 dos Jetsons que nos prometeram, mas que no lugar entregaram um globo com efeito estufa. Uma ingenuidade tão grande quanto acreditar que na idade da pedra as coisas eram como nos Flintstones. Carro que flutua? Só depois que acabarmos com o petróleo e a borracha – ou melhor – só depois que o petróleo e a borracha acabarem conosco.

O novo iMac não é revolucionário, mas o iMac original também não era. O iMac é um conceito, e não só um modelo Apple. É uma função e pode assumir formas distintas. Tem gente que ainda não entende isso. O iMac é a milésima tentativa (e a mais bola dentro) da Apple de concretizar um sonho de garagem: que a sociedade tome posse do computador e não que ocorra o contrário, como já é fato quase estabelecido. Em sua primeira versão, ele já chegou formalmente arrojado, semitransparente, colorido, nadando contra a corrente, já prevenido a cachoeira mortal do fim dos drives manetas de 1,4 MB, trazendo conexão Ethernet e se aprimorando com FireWire, CD-R, drive combo, DVD-R e a tela plana de cristal. Era assim que o iMac deveria ter nascido, mas fazer o quê? Quando ele finalmente se completa como verdadeiro e único exemplo do hub digital caseiro, fácil de usar, há de renascer; pois este povo que habita os mercados não sabe o que é bom, e precisa de um tapa na cara.

O conceito geral é o mesmo, mas o conceito do design foi mudado para explorar um novo significado para a aparência do iMac. Não mais a aridez “blade runner” das transparências amaciadas com tons pastéis e tubos catódicos à vista, mas a mensagem “coisinha fofinha e meiga” na medida certa (equilíbrio que não aconteceu com o iBook Tangerine, por exemplo).

O novo iMac tem até a cabeça maior que o corpo, como toda criatura que se propõe a despertar a empatia dos outros com sua aparência desajeitada e pescoçada.

“Sentado!... Olha o HP! Pega! Pega!... bom garoto... agora cospe a ventoinha aqui!”

Quem já é usuário Apple há muitos anos (dos tempos do Classic e de quando o Mac OS se chamava System) já está acostumado a tratar seu Mac como um cocker spaniel. Há uma relação de complementação entre o usuário e seu Mac. A Apple sabe disso e resolveu apostar mais nessa idéia.

Tecnicamente, não há o que falar do novo iMac, já que sua meta não é a tecnologia de ponta, mas sim trazer a melhor tecnologia esta-



belecida para seu comando dentro de sua casa. Este iMac chega a um preço acessível (nos EUA; aqui são outros 500% de impostos) com tela de cristal líquido num momento onde poucas são as pessoas que já viram uma tela dessas de perto, quanto mais usaram.

Não há pontos negativos:

- 1) A celeuma da ausência de disquete evaporou com a presença definitiva do CD-R nos iMacs.
- 2) O padrão FireWire está estabelecido, apesar do boicote covarde promovido pela Intel.
- 3) O design continua um desbunde e eficaz.
- 4) O *bundle* de aplicativos criativos está completo e o iPod está na mão.
- 5) Mac OS X nativo rodando sussu, G4 com AltiVec, placa gráfica, bus de sistema e capacidade de armazenamento e memória comparável aos Macs profissionais: o mais rápido dos iMacs velhos come a poeira do novo iMac.
- 6) O preço, a partir de US\$ 1.200, é uma barganha por uma máquina dessas (...falando em

inglês, é claro). Mesmo no Brasil, a Macmania já provou na edição passada que um PC de marca com a mesma configuração tem quase o mesmo preço, sem as vantagens anteriores. Ou seja: o problema é do país, não da Apple. Quem achar um ponto negativo, que atire o primeiro Compaq.

A Apple finalizou o iMac. Sua cara poderá mudar várias vezes ainda, mas a partir de agora, as mudanças serão basicamente quantitativas, com adição de algumas tecnologias, mas nada falta a ele. De agora em diante, a Apple só precisa se preocupar com a redução de custos para, quem sabe, tornar o novo iMac acessível aos macmaníacos brasileiros. **M**

VINI CASSARES

É arquiteto, professor de Design e escreve a coluna Red Pill no site Macnews.com.br

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.